

Das Palavras às Coisas: Portugal e a China na Europa do século XVII

From Words to Things: Portugal and China in 17th century Europe

Marília dos Santos Lopes

Universidade Portuguesa

marilialopes@ucp.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0364-6109>

RESUMO

Os contactos marítimos entre a Europa e a China irão revelar-se um decisivo e particular motor de uma ampla e diversificada rede de relações praticadas à escala global. A chegada de relatos de espanto e surpresa irá dar azo a um forte e intenso interesse face uma terra tão prodigiosa e abastada, cuja imagem se irá rapidamente propagar pela Europa.

A acompanhar as notícias das narrativas de viagens chegam igualmente materiais e objetos que irão originar grande curiosidade e encanto. Numa crescente economia mercantil global, a China conquistará um papel de relevo, visto que as suas mercadorias e artefactos de grande engenho e arte rapidamente se tornam alvo de uma inúmera procura. Que notícias são estas? O que representam estes novos conhecimentos? Que produtos e objetos são os que a Europa procura adquirir, usar, colecionar e, mais tarde, imitar? Como chegam à Europa e que impacto irão ter no seu quotidiano? Qual o papel dos portugueses nesse intercâmbio de notícias e “coisas” da China? Estas são algumas das perguntas a que o presente artigo tentará responder a partir de concretos exemplos da recepção e apropriação da cultura chinesa em Portugal e na Europa.

PALAVRAS-CHAVE

Portugal-China, Escrita de viagens, Cultura material, Europa, Renascimento.

ABSTRACT

Maritime contacts between Europe and China proved to be a decisive and particular driving force behind a wide and diversified network of relations practiced on a global scale. The arrival of astonishing and surprising reports gave rise to a strong and intense interest in such a prodigious and wealthy land, whose image quickly spread throughout Europe.

Beside the travel narratives, materials and objects from China rose great curiosity and enchantment. In a growing global mercantile economy, China started to play an important role, as its goods and artifacts of great ingenuity and artistry quickly became the target of countless demands. The present article describes the news and the knowledge represented in the travelogues on China and the Chinese products and objects Europe seeks to acquire, use, collect and later imitate? How do they reach Europe and what impact will they have on its daily life? What role do the Portuguese play in this exchange of news and “things” from China? These are some of the questions that this article will try to answer based on concrete examples of the reception and appropriation of Chinese culture in Portugal and Europe.

KEYWORDS

Portugal-China, Travel writing, Material culture, Europe, Renaissance.

¹ Marília dos Santos Lopes é Prof.^a Associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). Doutorada em História pela Universidade de Bamberg, Alemanha, foi, de 1986 a 1995, colaboradora e bolsreira de investigação no Instituto de História Moderna desta universidade alemã. É Secretária da Classe de História Marítima da Academia de Marinha. As suas principais áreas de investigação são a receção da empresa marítima portuguesa, a história do conhecimento e a cultura visual em Portugal e na Europa da Época Moderna.

I. Da China para a Europa: Portugal e o gosto europeu pelas “cousas” da China

O interesse e o gosto pelas coisas orientais, em particular pelas chinesas, já se poderia atestar na Europa antes da chegada dos portugueses mormente nos finais do século XV. As cidades italianas teciam, desde há muito, duradoras e assíduas relações com o Extremo Oriente. A chegada das mercadorias e artefactos de regiões não-europeias, em particular orientais, rapidamente se faria notar no dia-a-dia destas cidades da Europa do Sul, como assinalou Lisa Jardine (1996). Com base em diversas e representativas obras de arte, a autora observa como a sociedade europeia se tornou uma sociedade de consumo, onde a apropriação de objetos e mercadorias de luxo, vindos de outros continentes, em especial do Oriente, se tornariam um elemento assíduo e constante.

Na arte renascentista, Lisa Jardine reencontra não só novas formas, perspectivas e técnicas, como expressão da sua modernidade, mas também o uso de produtos vindos de outras paragens, que, concludentemente, permitem estrear inovações. A sociedade em geral, e os mercadores, em particular, rodeiam-se de mercadorias e objetos raros e de incalculável valor.

Neste contexto, os objetos, as mercadorias ganham decidida importância e principalmente aqueles que, na sua aquisição e uso, espelhavam um trajeto de difícil acesso e raridade como seja o caso da porcelana reproduzida, entre 1495-1505, num quadro de Andrea Mantegna. Considerada a primeira representação de uma porcelana chinesa, a beleza e a fineza destas peças irão suscitar deslumbramento e a admiração dos europeus. Na *Adoração dos Reis Magos*, entre os presentes singulares e valiosos oferecidos, figura, desde já, uma taça de porcelana chinesa. Se durante os séculos XIV e XV, já tinham chegado à Europa algumas porcelanas, estas seriam, todavia, numa quantidade residual, o que as tornava ainda mais apreciadas. Um desses exemplares, produzida antes de 1453, encontra-se hoje no Museu de Kassel, na Alemanha. Também no Reino Unido se poderá ver uma destas peças mormente na Universidade de Oxford (Zhang, 2016, p. 18).

A apetência dos mercados europeus por produtos artísticos, raros e exóticos, considerados de luxo, como as porcelanas, as sedas e as lacas asiáticas, revela-se uma das mais antigas e expressivas formas das trocas comerciais. Num mundo de relações marítimas globais, estabelecem-se redes comerciais transnacionais, em que mercadores e consumidores anseiam obter produtos e mercadorias, desconhecidas ou desde há muito procuradas. Procurando olhar em particular para

o espaço asiático nos inícios do século XVI, poder-se-á verificar que as ligações estabelecidas por comerciantes portugueses se apoiam numa rede marítimo-mercantil de pontos de apoio litoral e urbanos (Thomaz, 1989). Assim, e com base numa estrutura de intermediários conhecedores do comércio intra-asiático, circulavam das especiarias aos têxteis, ou no caso da China do almíscar, ruibarbo, o pau da china, as sedas, as porcelanas, lacas, papel, mobiliário e têxteis de algodão.

Numa carta dirigida ao rei D. Manuel I (1469-1521), no ano de 1512, o vice-rei Afonso de Albuquerque expõe que o facto de Malaca ser o terminal usado pelos chineses para o comércio com o Sueste asiático, a Índia e o Médio Oriente teriam sido a principal razão para a sua conquista. Descrita pelo viajante e mercador, Duarte Barbosa, como o entreposto comercial, onde chegam as embarcações chinesas carregadas com “muita seda, solta muito fina e muitas porcelanas, e muito damasco, brocadilhos, retrós de muitas cores, muito salitre, muita e muito fina prata e muitas pérolas, prata, aljôfar desigual, cofres dourados, abanos e outros muitos brincos” (Barbosa, 1989, p. 144) seria em Malaca onde se trocariam estas mercadorias chinesas pelas drogas, especiarias (Lopes, 2002) e tecidos de algodão que os portugueses traziam da Índia, Bengala e Cambaia. A tomada deste entreposto comercial abriria, deste modo, um novo contacto com um rico e não explorado mercado: o da China e Japão.

Lisboa tornar-se-ia assim, como a descreve Valentim Fernandes, editor, natural da Morávia e agente de casas comerciais alemãs, na sua edição de *Marco Polo* datada de 1505, a primeira na Europa, um importante empório de variadas e diversas mercadorias, entre elas, as asiáticas (Polo, 1922).

Numa carta de quitação datada de 1512, alude-se já a uma doação do rei D. Manuel I feita ao Mosteiro de Jerónimos, em Belém, de doze porcelanas chinesas e vinte tecidos pintados. E um ano mais tarde, em 1513, o monarca oferece à sua esposa, a rainha D. Maria de Aragão e Castela (1482-1517), uma série de porcelanas chinesas, panos, âmbar, benjoim e almíscar (Jordan-Gschwend, 1996, p. 90), bem como à sua mãe, a Infanta D. Beatriz (1430-1506) (Canepa, 2016, p. 124).

Vistas como um enigma no que respeita às suas origens e fabrico, ainda, em 1521, Duarte Barbosa relata que as porcelanas seriam fabricadas a partir de búzios moídos, cascas e claras de ovos, a que se juntariam outros materiais desconhecidos. Somente, no seu *Tratado das cousas da China* (Cruz, 1997), o dominicano Gaspar da Cruz irá descrever e revelar o processo moroso do fabrico da porcelana e assim desvendar ao público europeu o mistério do seu fabrico.

Já em 1541, Pêro de Faria, capitão de Malaca, mandava fazer as primeiras porcelanas com a indicação do seu próprio nome e, João de Sá, o tesoureiro das especiarias da Casa da Índia de Lisboa, entre 1511 e 1514, recebera 692 peças de porcelana. Por gosto ou por ostentação, estas peças rapidamente passaram a fazer parte da bagagem das naus da Carreira da Índia não só de mercadores, mas também de muitos particulares, visto que não estavam sujeitas ao monopólio régio e podendo assim circular livremente, como o indicia o regulamento do porto de Lisboa de 1522, em que se autoriza que um terço da carga de cada navio fosse porcelana (D'Intino, 1992, p. 63).

Na Europa, as porcelanas seriam igualmente uma das mais requisitadas mercadorias. Difícilmente se poderá ter um cômputo das quantidades importadas de porcelana, mas a avaliar pelo sucesso das primeiras importações poder-se-á dizer que o afluxo de peças a Portugal se revelou um negócio de grande significado. Na rua Nova dos Mercadores em Lisboa, uma das vias mais mercantis da Europa, para além das lojas dos ricos artigos de Itália ou da Flandres multiplicavam-se as lojas especializadas em porcelanas. Em Lisboa, no ano de 1580, haveria só na Rua Nova meia dúzia de lojas. Em 1640, e segundo o relato dos viajantes venezianos Tron e Lippomani, seriam 17 os mercadores de porcelana, número significativo em comparação com os 18 de azeite ou 19 de sal, dois dos mais importantes produtos do comércio nacional (D'Intino, 1992, p. 64).

Rapidamente integrada na vida quotidiana dos portugueses, a moda das porcelanas espalhar-se-á igualmente pelo resto da Europa (Brook, 2008), onde irá estar presente primeiro em azul e branco, mais tarde, sob a forma de policroma "Companhia das Índias" fazendo parte do que se designa por *chinoiserie* que, como formula Maria da Conceição Borges de Sousa, "é, no fundo, a invenção de um oriente que tanto tempo permaneceu estranho e misterioso para ocidente" (Sousa, 2019, p. 67).

Cativados pelos primeiros objetos e raridades exóticas trazidas do Oriente, os europeus desenvolveram um gosto particular pelo que era oriental (Gruzinski, 2004), criando-se um mercado que incentivou a produção artística local, nas zonas de presença portuguesa. A fundação de Macau, em 1557, irá fornecer um lugar seguro e estratégico para as relações luso-chinesas, certificando os portugueses como os primeiros importadores diretos da porcelana chinesa na Europa. Vinda de oficinas chinesas maioritariamente da zona de Cantão, que as produziam a preços mais acessíveis, visto que a porcelana dos grandes e pioneiros fornos de

Jingdezhen era exclusiva para a casa imperial, a porcelana azul e branca invadiu a Europa.

As mercadorias não irão, por conseguinte, ficar pela capital portuguesa. Muitas delas irão rapidamente continuar em várias direções e rotas, satisfazendo o gosto e o desejo de muitos admiradores em possuir estes objetos raros e muito apreciados. Objeto de aparato e de luxo, a porcelana da China dava a quem a adquirisse um estatuto de abastança e de gosto requintado e exclusivo, tendo os portugueses um especial papel na disseminação do gosto pela porcelana chinesa na Europa renascentista.

As cortes europeias, por exemplo, as do Império Sacro Romano-Germânico estreitaram as suas relações com Portugal e, através de Lisboa, entreposto estratégico na circulação e disseminação desta mercadoria de luxo no circuito comercial europeu, o consumo da porcelana irá assegurar uma crescente procura na Europa.

Neste ambiente de intercâmbio global onde a curiosidade é uma importante atitude dos homens renascentistas (Lopes, 2016a), vão surgir as célebres *Kunst- und Wunderkammern* (Zytaruk, 2011). Comprar objetos exóticos para enriquecer as coleções seria, para o Imperador Maximiliano I (1459-1519): “Quanta rariora tanta meliora”. Através de presentes, de vias diplomáticas, mas também de agentes comerciais que enviava a Portugal e à Espanha, agentes estes que, por sua vez, se tornaram igualmente importantes divulgadores e amantes das novidades, o Imperador poderia aceder a objetos singulares (Distelberger, 2001). Entre os comerciantes e colecionadores dos Habsburgo, encontra-se o célebre Philipp Hainhofer (1578-1647), também um grande admirador das novidades: “Quando alguém me oferece para a minha Kunstkammer algum objeto exótico, seja de origem natural ou artificial, dá-me uma alegria muito maior do que se me oferecessem dinheiro” (in Silva & Trnek, 2001, p. 22).

De acordo com o inventário de Johann Baptist Fickler, membro da corte da Baviera (Diemer et al., 2004), o gabinete de curiosidades da Residência de Munique teria, em 1598, perto de 6000 objetos, dos quais 300 seriam da China: peças de laca, porcelanas, entre outros. (Wappenschmidt, 2009, p. 36).

Entre as cortes alemãs, os duques da Baviera detinham um inaudito gosto pelo que era oriental, reconhecido pelo duque August d. J de Braunschweig-Lüneburg (1579-1666) ao constatar na sua visita a Munique, uma coleção de 138 peças que, a seu ver, “teriam levado 40 anos a reunir e a preparar” (Wappenschmidt, 2009).

Desde 1550 que a louça azul-branca, a famosa porcelana de Jingdezhen, que muitos príncipes europeus apreciavam e que procuravam adquirir junto dos mer-

cadores portugueses, vinda de Macau até à Europa, chegava a diferentes cortes da Alemanha, onde se tornaram um meio persuasivo de influência, ganhando, por assim dizer, um estatuto político.

Por exemplo, Amalie zu Solms-Braunfels (1602-1675), originária de uma família da grande nobreza residente na Alemanha, Suíça, Áustria e Boémia, e que viria a casar com o Príncipe Frederick (1584-1647), filho mais novo do governador William I de Orange, foi o primeiro membro desta casa a utilizar a porcelana especificamente numa variedade de ambientes, desde galerias e armários altamente visíveis até áreas femininas exclusivas, que associavam a porcelana a novas formas de poder da elite. E este desejo de ver as coleções em expansão, determinando através delas um poder crescente como interlocutores políticos influentes e detentores de bens exclusivos, continuará pelas gerações seguintes. As quatro filhas de Amalie zu Solms-Braunfels irão casar com membros de renomadas dinastias alemãs, tendo assim a oportunidade de mobiliar num estilo comum os seus palácios, exibindo as suas coleções de porcelana em armários especiais, cozinhas subterrâneas ou até grutas de jardim, pelo que estes estilos e os sítios de porcelana tornaram-se amplamente compreendidos como estilos artísticos e culturais das suas dinastias (Lopes, 2022).

Este costume de criar uma sala ou um espaço arquitetónico separado da residência para guardar e expor uma grande quantidade de porcelana terá começado já no século XVI e, como alguns autores defendem recentemente, já em Portugal, e não como até há pouco se pensava, nos Países Baixos (Canepa & Gardiner, 2019, pp. 32-33).

Associado ao gosto pela porcelana, estas mulheres nobres vão desenvolver um forte entusiasmo por outros produtos exóticos e novas práticas de consumo, como seja o gosto pelo consumo de chá. Reunindo grupos exclusivos, recorriam à exposição de conjuntos de porcelana acompanhados, por vezes, de fruta cristalizada colocada também em pratos de porcelana.

A filha mais velha de Amalie zu Solms-Braunfels, Louise Henriëtte que virá a casar com Frederick William, Eleitor de Brandenburg (1620-1688), irá instalar uma primeira câmara de porcelana na Alemanha entre 1662 e 1663 no Oranienburg, um palácio construído em homenagem à sua família. E o mesmo se poderia dizer de suas irmãs.

Estes alguns dos muitos exemplos em que a porcelana foi um importante instrumento das cortes alemãs, para demonstrar poder e importância, através de diferentes mecanismos e práticas de exposição de porcelana como forma de

assinalar a antiguidade e prestígio do património herdado, introduzido, valorizado e reunido nas dinastias pelos seus membros femininos.

Em contrapartida, os membros masculinos irão adotar e adaptar as práticas de exposição de porcelana já utilizadas pelos membros femininos para fins políticos, como será o exemplo de Frederick I da Prússia (1657-1713) que o fará utilizando estrategicamente a porcelana numa dimensão de autopromoção, em primeiro para poder vir a auferir o título de príncipe e, mais tarde, o de rei. (Broommhall & Van Gent, 2017). Neste sentido, Frederik I encomendou a construção de um gabinete no Palácio de Charlottenburg, onde se poderia expor em várias prateleiras as porcelanas, tal como a sua mãe Louise Henriëtte tinha feito, sendo considerada uma das mais famosas na Alemanha. A sua esposa, a rainha Sophia Charlotte de Hannover (1668-1705) adorava a cultura e a arte chinesas. Foi eventualmente este apreço de Sophia Charlotte pela arte chinesa que originou a câmara chinesa de porcelana. A reputação desta câmara espalhou-se por toda a Europa, sendo imitada em outros países. As paredes, bem como os telhados, da câmara foram decorados com porcelanas variadas. Atrás das porcelanas, colocaram-se espelhos para projetar um efeito decorativo brilhante, luxuoso e deslumbrante. A exposição e demonstração das porcelanas exclusivas desta forma constituía uma excentricidade e uma maneira de destacar a riqueza e o luxo dos colecionadores. Em 1697, a sala será completada com uma pintura do teto da autoria do artista holandês Augustinus Terwesten (1649-1711), intitulada *The Triumph of Porcelain*, expressivamente uma alegoria à introdução da porcelana na Europa (Lopes, 2022).

Também Augustus I da Saxónia (1670-1733) detinha no seu luxuoso palácio em Dresden, como se pode testemunhar num inventário de 1721, cerca de 13 000 peças de porcelana japonesa e chinesa. Esta era a mais ampla e completa coleção de porcelana do século XVIII. Entre as peças de porcelana, estariam os 22 grandes vasos, adquiridos em troca do envio de um regimento de soldados a Frederik, certificando ainda no século XVIII a chamada *Maladie de Porcelaine* (Lopes, 2016b; Ströber, 2001).

A porcelana, nas suas diversas formas, permitiu tanto a mulheres como a homens, modelar um rico e indispensável capital cultural. Fosse como exposição, como troca de presentes, como apoio ou mecenato de alguns produtores ou ainda como estímulo de múltiplas redes comerciais, a porcelana oriunda da China transformou política e culturalmente as relações e as instituídas redes de poder.

As porcelanas não seriam, contudo, os únicos objetos a deter a atenção e o gosto dos europeus. Poder-se-ia igualmente falar de outros objetos de arte, ansiados pela sociedade do Renascimento, sejam as cadeiras, ou os leques chineses que D. Catarina, mulher de D. João III, importou em grandes quantidades (Jordan-Gschwend, 2012; Pinto, 2002). Se na China eram os homens os grandes utilizadores dos leques, como se pode ver no retrato de Toyotomo Hidesyoschi (1536-1598),¹ na Europa tornar-se-iam um requisito muito apreciado pelas mulheres. Em meados do século XVI, leques sortidos e de diferentes materiais, seda, penas, papel, laca, tornam-se acessórios do quotidiano da corte lisboeta. A infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, será a primeira princesa portuguesa a ser retratada com um leque de abrir e fechar na mão, mas a partir daí várias serão as damas da corte a deixarem-se representar com este objeto pessoal. Como sublinha Annemarie Jordan-Gschwend, estes acessórios eram já uma moda notória na corte portuguesa, décadas antes de o seu uso se espalhar pela Europa, em finais do século XVI, tendo a corte portuguesa um papel pioneiro na sua introdução e disseminação na Europa (Jordan-Gschwend, 1998, p. 204).

II. A China em Palavras. De Portugal à Europa

A acompanhar a disseminação de objetos chineses, os portugueses iriam divulgar relatos e testemunhos das suas viagens e vivências pela China. Inicialmente informações recolhidas fora da China, como as de Duarte Barbosa ou Tomé Pires, mas já de grande importância para o conhecimento desta terra e suas gentes.

A ideia da China no Portugal de Quinhentos, irá, como Rafaela D'Intino salienta, recompor as ideias-imagens anteriormente construídas, formulando verdadeiros *topoi* literários. A admiração pela grandeza, riqueza e abundância deste reino determina o retrato deste país nas obras portuguesas do século XVI (D'Intino, 1989). Cria-se a ideia de uma sociedade-modelo baseada em organi-

¹ Os leques encontram-se ainda nas mãos de mercadores, como o prova o manuscrito do soldado Caspar Schmalkalden que esteve entre 1642 e 1652, ao serviço da VOC. Num dos desenhos da sua *Die wundersamen Reisen des Caspar Schmalkalden nach West und Ostindien* podemos admirar um mercador chinês com o seu leque (cf. Lopes, 2022). Nos biombos namban podemos encontrar entre mercadores e padres jesuítas, guerreiros japoneses com leques. O missionário Luís Frois refere que os sacerdotes japoneses, os bonzos eram obrigados a pregar dos seus púlpitos com vestes de seda e segurando leques dourados, costume este que, como o autor acrescenta, nunca os sacerdotes portugueses poderiam adotar, dado que seriam tomados por loucos.

zação e eficiência, em que os chineses surgem como gente de polícia – sinais de uma sociedade aspirada por muitos dos europeus que a visitam.

É o caso do dominicano Gaspar da Cruz, autor do primeiro texto português impresso sobre a China, onde se pode testemunhar esta admiração e deslumbramento pelo reino do Meio. A sua descrição enche-se continuamente de elogios e depoimentos entusiásticos sobre uma terra plena de bens e de saberes, pois estes excediam “em multidão de gente, em grandeza de reyno, em excelência de polícia e governo e em abundancia de possessões e riquezas” (Cruz, 1997, p. 66). Tal como em muitos autores, considera que a novidade, a diferença e a excelência destes povos com muitas coisas dignas de memória são a razão imperiosa para recorrer ao exercício da escrita como lugar de registo e de recordação/memória do experienciado.

A curiosidade do frade dominicano é insaciável e tudo lhe desperta interesse e merece considerações, como seja a arquitetura das cidades como a de Cantão, onde a ordem e a grandeza, a qualidade e a formosura do plano citadino, bem como seus majestosos e bem construídos edifícios, parecem revelar em espelho vertido a sociedade que nelas vivem.

Apesar de ser uma cidade muito populosa, as ruas estão cheias de todo o tipo de alimento. Na verdade, os regedores da cidade mandam tirar inquirição dos mantimentos que em cada dia se gastam. A fim de proteger as cidades, existem cercas e portas que são fechadas à noite e sempre vigiadas por capitães. Assim, até os muros e as varandas são “galantes” e bem feitas, e como Gaspar Cruz acrescenta, não é só em Cantão que se podem admirar estas maravilhas, pois por toda a China se veem destas surpreendentes obras, “cada uma é coisa maravilhosa” (Cruz, 1997, p. 122). É o deslumbramento perante uma sociedade que assim se mostra em franco desenvolvimento, capaz de oferecer abundância, comodidade e beldade aos seus habitantes.

Surpreendido pelas extraordinárias e engenhosas construções que encontra por toda a China, o viajante verifica que este povo já dispõe de técnica, saber, bons materiais e capital para o poderem fazer não só em importantes cidades como em locais isolados. Por toda a China se pode encontrar o mesmo cuidado e desenvolvimento: são pontes, é irrigação das águas, são belos e frescos jardins, são diferentes tipos de embarcações, terras bem cultivadas e produtivas, a inexistência de mendigos ou a riqueza em ofícios. Entre vários exemplos, o autor acaba por destacar o que mais impressiona: a vontade de trabalho e iniciativa que este povo demonstra. Eis a razão por que não há mendigos, uma realidade

impensável na Europa. Neste sentido escreve: “Nenhuma coisa há na Terra que deixem perder” (Cruz, 1997, p. 144).

Ao autor importa, pois, relatar sobre esta singular experiência, sendo o seu escrito um manifesto acerca de um mundo há pouco revelado e que vai ganhando contornos de um lugar ideal. E, por conseguinte, Gaspar da Cruz tanto se empenha a relatar o que viu e experienciou, pois, como já em outros autores, é o que sabe do verdadeiro e digno de dizer que orienta e determina o seu apontamento. Assim, quando relata sobre os diferentes artesãos será ele o primeiro a revelar informes sobre a origem e o modo de fazer porcelana (Cruz, 1997, p. 150).

O deslumbramento pela grandeza, riqueza e abundância que se pode contactar neste autor irão expressar-se igualmente em muitos outros portugueses como os cronistas João de Barros ou Damião de Góis e ainda Fernão Mendes Pinto, onde também se delinea a já várias vezes sublinhada “utopia chinesa”.

Sem menosprezar o resistente invólucro pessoal e presencial que tanto a faz vivencial – e por isso grandemente admirada – a obra de Fernão Mendes Pinto é, acima de tudo, um excelente compósito de vozes e experiências sobre o Oriente (Margarido, 1993; Correia, 1993). Georges Le Gentil viu em Fernão Mendes Pinto um precursor, no século XVII, do exotismo, tema tão acarinhado pela literatura dos séculos XVIII e XIX, mas para muitos o conceito não será o mais conveniente (Le Gentil, 1947). Contudo, todos concordam que a presença do Outro, e concretamente do oriental, é um elemento fundamental na *Peregrinação*, uma presença e uma especificidade em que se revela que o autor tem uma sensibilidade diversificada e atenta na compreensão de outras civilizações. Na verdade, em Fernão Mendes Pinto não se trata de um testemunho onde se relata compreensivamente sobre uma realidade diferente e desconhecida, uma outra cultura, mas, pelo contrário, verificamos uma permeabilidade perante o modo de estar e de ser dessa outra realidade.

A *Peregrinação* não ficará pela apresentação dos “trabalhos e infortúnios” do “pobre de mim” do narrador, mas apresenta um vivo e colorido relato de costumes, usos e hábitos, em suma, vozes e testemunhos representantes da condição e experiências humanas que o viajante aprende a conhecer e a estimar. Tal como Fernão Mendes Pinto se rende à revelação de “mas este é o mundo” e deixa relato dessa sua vivência e saber, muitos outros autores e leitores encontrarão na sua obra este enorme manancial e valioso legado de factos e dados sobre a argamassa de que é feita a condição humana. Nascida da vontade de traçar um debuxo mais completo e real sobre o homem-de-todo-o-mundo, esta

obra apresenta na diversidade características, particularidades das terras e gentes orientais. São múltiplos os temas de ordem histórica, artística, geográfica ou etnográfica, em que Fernão Mendes Pinto soube propagar os seus saberes sobre estas regiões orientais, e em particular sobre a China.

Não deve surpreender por isso, a longa lista de traduções em diferentes línguas europeias. Como Francisco Leite Faria inventariou logo em 1620, isto é, apenas seis anos após a primeira edição em língua portuguesa, data da edição espanhola, se inicia uma estreita cadeia de edições além-fronteiras. Só no século XVII a *Peregrinação* alcançou vinte edições em seis línguas: duas edições portuguesas, sete espanholas, três francesas, três alemãs, duas holandesas e três inglesas (Faria, 1992).

O autor da tradução espanhola, Francisco Herrera Maldonado, é membro de um círculo de letrados,² entre eles Lope da Vega, que nutria grande interesse pelo Extremo Oriente, pelo que esta terá sido, por certo, a razão primária para a difusão da obra de Fernão Mendes Pinto em Espanha (Folch, 2001).

Cinco anos mais tarde, em 1625, o conceituado compilador de viagens, o inglês Samuel Purchas³ edita uma versão não completa da *Peregrinação* e três anos mais tarde, em 1628, é a vez do português Bernard Figuiet dar a lume uma edição em língua francesa.⁴ O facto de a dedicatória ser endereçada ao Cardeal Richelieu poderá indiciar a importância que os meios políticos e culturais atribuíam a esta obra. É de notar que é nos círculos e redes de homens influentes e de grande formação que se toma a iniciativa de divulgar a *Peregrinação*. O mesmo se pode verificar em relação à edição holandesa.⁵ J. H. Glazemaker, o autor da tradução, é igualmente um renomeado tradutor e editor de obras como as da autoria de Michel Montaigne, Espinosa, René Descartes, Athanasius Kircher, entre outros.

² Outras edições viriam a lume em 1627, 1645 e 1666.

³ Com o título *Observations of China, Tartaria and other easterne parts of the world, taken out of Fernan Mendez Pinto his Peregrination*; este texto pode ser encontrado nas páginas 252-281 do segundo capítulo em *Purchas his pilgrims*. Londres, William Stansby, 1625. Volta a ser publicado em 1653, 1663 e 1692.

⁴ *Les Voyages advantvrevx de Fernand Mendez Pinto*. Fidelityment tradvits de Portugais en François par le Sieur Bernard Figvier Gentil-homme Portugais. Dediez a Monseigneur Le Cardinal de Richeliev. Paris, Mathurin Henault, 1628. Nova edição em 1645.

⁵ *De wonderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto*. Amsterdam, Jan Rieuwertsz, Jan Hendriksz, 1652. Volta a ser publicado em 1653 e 1656.

Em 1671, virá a lume a edição alemã. A multiplicidade das informações, revertidas em dados do mundo, seria, sem dúvida, o principal motivo para estas publicações. No prólogo, chama-se a atenção para a grande quantidade de material informativo, elogiam-se as valiosas descrições de diferentes povos desconhecidos e alerta-se para a leitura útil e, ao mesmo tempo, agradável sobre outras realidades. Como nos confirmam os editores é com prazer e benefício que se lê este livro, uma vez que ele desvenda “como num espelho vários exemplos de alterações maravilhosas, que sofrem os reinos, terras, cidades, povos e homens” (Pinto, 1671, prólogo, tradução nossa).

O texto de Fernão Mendes Pinto é exaltado na sua dimensão formativa e informativa. O leitor é assim convidado a ler o texto como um retrato atual e peculiar do mundo. Os editores dirigem-se, por isso, diretamente aos “conhecedores da polícia e direitos do mundo” e aos “escritores da história do mundo e da terra”, pois neste texto se encontrariam descritos usos e costumes, que deveriam conhecer não só porque alcançariam um maior conhecimento acerca dos Outros, mas também sobre os próprios europeus. (Lopes, 1993, 2010b).

Um outro especto que importa ainda referenciar é o facto de as duas últimas edições, a holandesa e a alemã, serem ilustradas. Que a história do livro ilustrado ganhara em significado e relevância nestas regiões da Europa central é por si um dado explicativo. *A Peregrinação*, encarada como um relato e descrição do mundo oriental, seria, à semelhança de muitos outros textos sobre os novos mundos, acompanhada por uma série de gravuras. (Lopes 1998, 2010a) Neste conjunto de imagens destacam-se cenas e temáticas descritas na obra, dando-se, neste caso, um peso mais significativo ao personagem central: o “pobre de mim”, como logo podemos observar no frontispício. Nas perto de doze imagens tentou-se captar o pitoresco e o exótico da vida oriental debuxando quadros vivos das terras longínquas. Um elemento as une: frequentemente podemos descortinar a mesma figura – o viajante – que assim segura a meada da narrativa gráfica.

Tal como Fernão Mendes Pinto movido pela sua insaciável curiosidade recolheu muitas e diversas influências de informações, também os seus leitores, profundamente interessados e curiosos, sentem a sua prosa como indispensável e incontornável para conhecer factos e novidades do mundo. *A Peregrinação* não era apenas lida para mero divertimento, mas sim para obter informes. Ela era um banco documental de ideias imprescindível para o conhecimento do Oriente que tanto se ansiava conhecer.

A literatura portuguesa de viagens, fundamental *corpus* documental do mundo moderno, é, pois, lida e estudada com curiosidade. Não é, deste modo, de estranhar que os letrados europeus dos séculos XVI e XVII lhe atribuam um lugar relevante e privilegiado entre as obras coetâneas, uma vez que nas suas páginas, tal como nas autênticas *histórias*, encontrar-se-ia um indelével e verdadeiro saber. Retratos definidos por aqueles que tinham visto as novidades pela primeira vez e com os seus próprios olhos, estas obras constituíam um imensurável contributo no esboço interpretativo de outras terras, outras gentes e outras sociedades.

Também este é o caso da *Peregrinação*. Com efeito, aos primeiros leitores e tradutores da obra de Fernão Mendes Pinto, ir-se-ão juntar muitos outros receitores igualmente espalhados pela Europa. Não será assim difícil verificar uma longa linha de leituras maioritariamente documentais-informativas, onde a *Peregrinação* é tida na sua intencional filosofia de vida e de ação, pelo que reflexos da *Peregrinação* poder-se-ão testemunhar em muitos discursos e contextos. Amplamente difundida, esta obra constitui um registo documental acessível e valioso. No processo de redescoberta de novos mundos não só irão ter um papel ativo os que escrevem diretamente sobre as “novas novidades”, mas também os que as pretendem conhecer para reequacionar e reformular a ordem de saber. Na impossibilidade de fazer longínquas viagens para ver com os seus próprios olhos as realidades recém-descobertas, recorrem entusiasticamente às obras e autores que deram à luz relatos sobre as novas regiões. Este é, aliás, segundo os autores do século XVII, o passo mais seguro para prosseguir e alcançar um garantido e válido conhecimento.

É o caso *Neu-polirter Geschicht-Kunst und Sitten-Spiegel ausländischer Völker* de Erasmus Francisci (Francisci, 1670). Neste seu livro, o autor pretende traçar uma nova imagem do mundo, onde o conhecimento dos Outros é mais útil, a seu ver, do que a descrição do próprio ou do já conhecido. Nas suas palavras “não saber nada da barbárie é parte da barbárie” (Francisci, 1670, prólogo). Assim, quando importa relatar sobre a alimentação dos chineses (Francisci, 1670, p. 741), cerimónias de hospitalidade (Francisci, 1670, p. 867), hábitos caritativos (Francisci, 1670, pp. 1031; 1045-72), escolas, proteção aos velhos e mulheres mais desprotegidas, festas e procissões do deus Tinagogó (Francisci, 1670, pp. 1374-76), ou em diversos episódios e temas de ordem histórica, artística, geográfica ou etnográfica, o compilador baseia-se no material e saber experiente do viajante para poder retratar estas regiões orientais. Que Fernão Mendes Pinto não foi apenas porta-voz da sua experiência individual, mas que soube transmitir saberes de diferentes

origens e sensibilidades, conseguindo que a sua escrita reunisse vozes de uma rica vivência coletiva, como já foi devidamente salientado, terá indubitavelmente contribuído para saciar a curiosidade dos recetores.

Que a *Peregrinação* se tornou uma obra incontornável sobre o Oriente podemos aferir, ainda, no facto de Erasmus Francisci utilizar a edição francesa e a holandesa. Aquando da redação desta sua obra, vinda a lume em 1670, ainda não se tinha publicado a versão alemã. Só um ano mais tarde, em 1671, essa publicação sairia dos prelos editoriais da cidade de Amesterdão.

Mas não é apenas Erasmus Francisci que ouve e lê Fernão Mendes Pinto. Também o escritor e historiador Eberhard Werner Happel nas suas *Gröste Denkwürdigkeiten der Welt oder sogenannte Relationes Curiosae* (Happel, 1683-1691). De igual modo, Happel tem como único intento: recolher usos e costumes, entre outros, dos povos orientais. E é com a ajuda da literatura de viagens, com as anotações daqueles que dedicadamente se deram ao trabalho de descrever amiudadamente os mais diversos factos e acontecimentos do mundo oriental, que o escritor pode cumprir este seu desejo, pelo que se mostra profundamente grato aos viajantes-relatores.

Nestes finais de Seiscentos, homens de letras, como Erasmus Francisci e Eberhard Werner Happel, estão conscientes de que o saber sobre outras culturas constitui um poderoso estímulo de reflexão e autocritica sobre a cultura europeia. Neste clima, a *Peregrinação*, com o seu saber sobre a China, revelou-se uma fonte de saberes inestimável para a formulação da ordem do saber coevo.

Fernão Mendes Pinto foi ainda fonte inspiradora e, com êxito, junto de autores de romances. A sua escrita ficcional foi uma apreciada quer na comédia *Fernan Mendez Pinto / Comedia famosa en dos partes* (1640), do dramaturgo espanhol Antonio Enriquez Gómez (Zurbach, 1999, pp. 143-167), quer na *Asiatische Banise* do alemão Heinrich Anshelm von Ziegler und Kliphausen (Lopes, 1993).

A recepção da obra de Pinto não é um caso isolado da literatura portuguesa de viagens, podendo deste modo ilustrar o seu decisivo contributo para os meios intelectuais dos séculos XVI e XVII: como garante de um novo saber sobre o Oriente foi imprescindível instrumento de trabalho no trajeto de homens eruditos a homens de ciência.

O impacto da *Peregrinação* não se confinou, como sabemos, ao século XVII. Que este primeiro momento da sua recepção foi talvez um dos mais significativos, e que esse triunfo esteve associado ao teor documental da sua obra, é decididamente um aspeto a destacar na valorização e recepção da *Peregrinação*. Senão

vejam. O autor dos *Lusíadas*, embora editado anteriormente, teve de esperar mais para conquistar além-Pirenéus tão entusiastas leitores. Só depois de refeitos os contornos e limites do mundo, se poderiam debruçar sobre a tessitura estética e literária das obras portuguesas.

III. Do conhecimento à imitação das “coisas” da China

Por fim, o conhecimento e a apreciação destas informações e artefactos irão levar a que Europa procure produzir produtos similares aos concebidos na China. A oferta de objetos chineses era bem visível nas chamadas lojas da China, que surgiram nas metrópoles europeias do início da modernidade, como em Amesterdão, mas também em Londres e Paris, que, em meados do século XVII, se juntaram a Madrid e Lisboa como empórios da Ásia.

É de notar uma verdadeira obsessão por coisas materiais não europeias. Mas se estas coisas funcionavam como mercadorias, o certo é que também revelavam tecnologias e mestria. Com efeito, a porcelana tinha sido, até então, um famoso obstáculo para os artesãos europeus. Patentes nas lojas e nos ateliers, nos *Wunderkammern* e nas cortes principescas onde eram apreciadas e requisitadas, ou nos salões e cozinhas humildes, estes objetos adquiriam o seu lugar no quotidiano europeu.

Os materiais exóticos eram cobiçados particularmente pelo seu valor comercial e utilização prática, mas também eram reconhecidos como tecnologias que apresentavam possibilidades de dominar o mundo. Através da recolha, manuseamento e conhecimento de materiais do mundo desconhecido, os europeus esforçaram-se por recolher, manusear e conhecer o mundo e, ao mesmo tempo, procuraram manusear e transformar o mundo que lhe era ainda desconhecido.

Um dos materiais mais importantes da história do intercâmbio e da cultura material global foi a porcelana. Foram anos de trabalho a produzir várias cerâmicas nas oficinas dos Médicis no final do século XVI, nas fábricas de Delft desde os inícios do século XVII, entre muitas outras experiências, mas que nunca chegaram a decifrar a natureza da porcelana (Schmidt, 2021).

O fascínio e a admiração pela porcelana são compreensíveis. Ela é um material deslumbrante e os europeus, desde a Idade Média até ao Renascimento, estavam verdadeiramente estupefactos: com as suas propriedades milagrosas e com a sua “beleza incomparável”, como Marco Polo relatou já no século XIII. No entanto, os europeus não faziam ideia de como se fabricava a porcelana. A fór-

mula da porcelana e as técnicas da sua produção eram conhecidas dos artesãos da China, adicionando mais uma maravilha atribuída ao Império do Meio para que os viajantes europeus se maravilhassem com as “Cousas da China”, como escreve Gaspar da Cruz. A presença massiva e significativa, em especial da porcelana chinesa irá levar a uma duradoura busca de a imitar e, se possível, substituir, mas só nos inícios do século XVIII se irá conseguir produzir uma porcelana que, com motivos chineses, se irá implementar nas artes decorativas europeias até aos nossos dias: a porcelana de Meissen. Augustus I da Saxónia patrocinou um jovem alquimista, Johann Friedrich Boettger (1682-1719) que irá desenvolver a porcelana de Meissen, criando nesta localidade uma fábrica em 1710 que se tornaria símbolo de uma tecnologia avançada e da indústria do seu reino. Meissen tornou-se um dos principais concorrentes dos produtos asiáticos, nos anos 1720.

Ao promover um empreendimento científico como este, viria a causar uma profunda transformação tecnológica, económica, política e cultural. Recorrendo a novas estratégias de design, o atelier de Meissen desenvolveu novos formatos e motivos para os seus produtos, ativando novas abordagens e atitudes em relação às artes materiais. Nesse processo, Meissen marcou o seu lugar no mundo – e, por extensão, o da Europa. Assistia-se a uma concorrência e preponderância das cerâmicas europeias no mercado, em oposição a uma queda dos produtos chineses, transformando, por conseguinte, o lugar da China no mundo.

Augustus, e a sua *maladie de porcelaine*, esgotara o tesouro do Estado, provocando, com a importação de porcelana asiática, a saída de metais preciosos. Neste sentido, os esforços para produzir porcelana, não foram apenas de ordem científica, mas também por necessidade de diminuir a saída de fundos e desenvolver a manufatura local no seguimento de uma política mercantilista. Pouco tempo depois da sua fundação, a fábrica de Meissen começou a produzir porcelana de alta qualidade, que não só mereceu a aprovação do rei, como foi cobiçada em toda a Europa. A qualidade e novidade do produto de Meissen provocaria uma forte mudança no mercado, pois o seu preço ultrapassou rapidamente o da porcelana chinesa, favorecendo o depauperado Estado saxónico.

Neste desejo de imitar e superar a China, poder-se-iam indicar outros exemplos, como a produção de seda, com os seus inúmeros exemplos por toda a Europa, também em Portugal, com a Real Fábrica das Sedas (1757), segundo uma proposta do tecelão francês Robert Godin em 1727, ou a construção de palácios e jardins nas cortes europeias segundo as normas e visões consideradas chinesas (Lopes, 2022; Zhang, 2016).

Através das “Cousas da China”, adotaram-se outras vivências e experiências. Em estreito contacto com Portugal, a Europa transformou as suas visões, as suas orientações, as suas indústrias, as suas habitações e jardins, em suma, a sua cultura e arte. As palavras e as “Cousas da China” visíveis por toda a Europa revigoraram um robusto e determinante marco na autodescoberta e autoafirmação da cultura europeia.

Referências Bibliográficas

- Barbosa, D. (1989). *Livro do que Viu e Ouvia no Oriente*. Publicações Alfa.
- Brook, T. (2008). *Vermeer's hat. The seventeenth century and the dawn of the global world*. Bloomsbury Press.
- Broomhall, S. & Van Gent, J. (2017). The gendered power of porcelain among early modern European dynasties. In J. Daybell & S. Norrhem (eds.), *Gender and political culture in early modern Europe, 1400-1800*. Routledge.
- Canepa, T. & Gardiner, B. (2019). Porcelana Ming para Portugal. In R. Trindade, M. Borges Sousa & M. Soromenho (eds.), *Luxo asiático: porcelana, laca e seda – do consumo à apropriação* (pp. 18-39). Museu Nacional de Arte Antiga.
- Canepa, T. (2016). *Silk, porcelain and lacquer: China and Japan and their trade with Western Europe and the New World, 1500-1644*. Paul Holberton Publishing.
- Correia, J. (1993). Une Lecture de Peregrinação de Fernão Mendes Pinto : d'une deambulation personnelle a une experience collective. In *Arquivos do Centro Cultural Português* (vol. XXXII, pp. 43-58). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, G. (1997). *Tratado das coisas da China (Évora, 1569-1570)*. Cotovia.
- D'Intino, R. (1989). *Enformação das cousas da China. Textos do séc. XVI*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- D'Intino, R. (1992). A Aventura Portuguesa. In A. Simonetta Luz (ed.), *Do Tejo aos mares da China: uma epopeia portuguesa* (pp. 53-65). Palácio Nacional de Queluz, 53-65.
- Diemer, P.; Bujok, E. & Diemer, D. (2004). *Johann Baptist Fickler. Das Inventar der Münchner Herzoglichen Kunstkammer von 1598*. Editionsband, Transkription der Inventarhandschrift Cgm 2133.
- Distelberger, R. (2001). «Quanta Rariora tanta Meliora». O fascínio pelo Desconhecido na Natureza e na Arte. In H. Trnek & N. Vassallo e Silva (eds.), *Exotica. Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas* (pp. 21-26). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Faria, F. (1992). *As muitas edições da Peregrinação Fernão Mendes Pinto*. Academia Portuguesa da História.
- Folch, L. (2001). A Recepção em Espanha d'Os Lusíadas e da Peregrinação: do espírito da cruzada à picaresca. In J. R. Magalhães & J. M. Flores (coord.), *Vasco da Gama, Homens,*

- Viagens e Culturas* (pp. 189-208). Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Francisci, E. (1670). *Neu-polirter Geschicht-Kunst-und Sitten-Spiegel ausländischer Völcker*. Verlegung Iohann Andreae Endters und Wolfgang desz Iüngern Sel. Erben.
- Gruzinski, S. (2004). *Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*. La Martinière.
- Happel, E. (1683-1691). *Gröste Denckwürdigkeiten der Welt oder sogenannte Relationes Curiosae* (5 vols.). Thomas von Wiering.
- Jardine, L. (1996). *Worldly Goods. A New History of the Renaissance*. W.W. Norton.
- Jordan-Gschwend, A. (1996). As maravilhas do Oriente: coleções de curiosidades renascentistas em Portugal. In N. Vassalo e Silva (coord.), *A Herança de Rauluchantim* (pp. 82-127). Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Jordan-Gschwend, A. (1998). O Fascínio de Cipango. Artes decorativas e lacas da Ásia Oriental em Portugal, Espanha e Áustria (1511-1598). In M. S. Cunha (coord.), *Os Construtores do Oriente Português* (pp. 195-227). Edifício da Alfândega.
- Jordan-Gschwend, A. (2012). *A rainha colecionadora Catarina de Áustria*. Círculo de Leitores.
- Le Gentil, G. (1947). *Les Portugais En Extrême Orient: Fernão Mendes Pinto Un Précurseur De L'exotisme au XVIIe Siècle*. Hermann & Cie, Éditeurs.
- Lopes, M. (1993). Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã?. *Mare Liberum*, 6, 97-103.
- Lopes, M. (1998). *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimientos*. Quetzal.
- Lopes, M. (2002). *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara*. Público.
- Lopes, M. (2010a). Peregrinação by Fernão Mendes Pinto: a source of knowledge. In J. S. Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação*, vol. I, 257-270.
- Lopes, M. (2010b). Pinto, a Peregrinação e o Orientalismo na Europa do século XVII. In I. E. Vieira, J. Alfaro & M. A. Guincho (coord.), *Partíamos como se fôssemos: homenagem a Horácio Peixoto de Araújo* (pp. 367-380). Books on demand.
- Lopes, M. (2016a). *Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*. Cambridge Scholars Publishing.
- Lopes, M. (2016b). Porcelana. In F. C. Domingues (ed.), *Dicionário da Expansão Portuguesa (1415-1600): de I a Z* (vol. II, pp. 867-869). Círculo dos Leitores.
- Lopes, M. (2022). Towards a global culture of things. Chinese objects at German courts (17th-18th centuries). In C. A. Mendes & I. Pina (eds.), *Historical Perspectives on China & Macau, and Contacts with Europe during the Ming & Qing Dynasties* (pp. 150-172). Centro Científico e Cultural de Macau.
- Margarido, A. (1993). La Multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problemes de la Littérature de voyages au XVIe siècle. *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XI, 159-197.
- Pinto, F. M. (1671). *Wunderliche und Merckwürdige Reisen Ferdinandi Mendez Pinto, Welche er in[n]erhalb ein und zwanzig Jahren/ durch Europa, Asia, und Africa, und deren*

Königreiche und Länder; als Abyssina, China, Japon, Tartarey, Siam, Calaminham, Pegu, Martabane, Bengale, Brama, Ormus, Batas, Queda, Aru, Pan, Ainan, Calempluy, Cauchenchina, und andere Oerter verrichtet. Boom.

- Pinto, P. C. (2002). *O Leque de Folha Dobrada em Portugal do século XVI ao século XX, Leques Comemorativos Portugueses*. Universidade Lusíada.
- Polo, M. (1922). *O Livro de Marco Paulo – O Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam* (conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502). Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.
- Schmidt, B. (2021). Material Geography. Meissen and Early Modern Europe's Production of China. In M. S. Lopes & U. Gleixner (eds.), *Things on Move – Dinge Unterwegs. Objects in Early Modern Cultural Transfer* (pp. 99-124). Harrasowitz Verlag.
- Silva, N. & Trnek, H. (eds.). (2001). *Exotica. Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, M. (2019). No segredo da Laca. In R. Trindade, M. Borges Sousa & M. Soromenho (eds.), *Luxo asiático: porcelana, laca e seda – do consumo à apropriação* (pp. 58-73). Museu Nacional de Arte Antiga.
- Ströber, E. (2001). *La Maladie de Porcelaine. Ostasiatisches Porzellan aus der Sammlung Augusts des Starken*. Edition Leipzig.
- Thomaz, L. (1989). *A rota das especiarias*. Edições Inapa.
- Wappenschmidt, F. (2009). Der Reiz des Fremden. Frühe chinesische Porzellane, Lacke und Malereien in der Münchner Kunstkammer. In R. Eikermann (ed.), *Die Wittelsbacher und das Reich der Mitte: 400 Jahre China und Bayern* (pp. 36- 43). Hirmer.
- Zhang, Y. (2016). *A chinoiserie na Europa nos séculos XVII e XVIII* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/17367>.
- Zurbach, C. (1999). "Fernan Mendez Pinto: comedia famosa en dos partes". Uma variação temática por António Enríquez Gómez. In M. A. Seixo & C. Zurbach (org.), *O Discurso Literário da "Peregrinação"* (pp. 143-168). Edições Cosmos.
- Zytaruk, M. (2011). Cabinets of Curiosities and the Organization of Knowledge. *University of Toronto Quarterly*, 80(1), 1-23. <https://doi.org/10.1353/utq.2011.0003>.

